

## ENCARNANDO CRISTO EM NOSSA MISSÃO

Noé Stanley Gonçalves

A primeira constatação que pude fazer ao refletir sobre este tema é que, por incrível que pareça, é muito fácil tratar a *encarnação* como uma categoria teológica abstrata. Como dizia John Mackay, o fariseu moderno é capaz de traçar um mapa do caminho onde Jesus andou, mas nunca colocou os pés neste caminho. Ele o vê de camarote.<sup>1</sup>

Por isso, alegra-me que estejamos usando um verbo ao invés de um substantivo abstrato, embora este fosse filosoficamente mais adequado. Mas nem por isso escapamos automaticamente dos perigos do subjetivismo espiritualista, quando falamos "*encarnando Cristo*". É que seria impróprio dizer "encarnando Jesus", pois Jesus de Nazaré foi um indivíduo único do qual não podemos ser uma duplicata (reduplicações), não nos podemos esquecer de que o Cristo só pode ser conhecido através do homem Jesus de Nazaré.

### JESUS CRISTO, DEUS ENCARNADO

Assim, quero começar pelo mais óbvio: que o encarnar-se só se pode dar numa situação histórica e de forma concreta.

Segundo Jo 1.14, "o verbo (de Deus) se fez carne e

---

<sup>1</sup> Cf. MACKAY, John A. *Introducción a la teología cristiana*, capítulo 2. O termo traduzido por "camarote" também poderia ser expresso como "arquibancada", para enfatizar a perspectiva do espectador.

habitou entre nós". Mas para não pensarmos que este verbo é uma categoria de pensamento, uma energia ou uma entidade abstrata, as Escrituras nos recordam que esta *carne* humana tinha laços humanos e todas as características humanas.

Paulo, em Rm 1.3, nos lembra que o Filho de Deus, "segundo a carne veio da descendência de Davi". Em outras palavras, quem se encarna faz parte de um povo, de uma família, e traz uma herança genética e cultural. Portanto, ao contrário do Super-Homem, conforme Gl 4.4, "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei..."

Este mesmo texto afirma que Jesus Cristo se encarnou na "plenitude dos tempos". Ou, no dizer de Lucas, a encarnação se deu num tempo, num lugar e numa situação histórica específicos (Lc 2.1-2; 3.1-2; etc.) O mesmo se pode dizer de sua narrativa de como os discípulos "encarnaram Cristo em sua missão", em todo o livro de *Atos dos Apóstolos*. Portanto, não se pode falar em "encarnar Cristo" sem considerar tanto as condições históricas em que ele viveu, quanto as condições históricas em que nós vivemos.<sup>2</sup>

Somente compreendendo as variáveis da situação social concreta em que se dá a encarnação, poderemos compreender afirmações como "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24,26) e a ordem posterior "Ide por todo o mundo ... começando por Jerusalém e toda a Judéia e Samaria" (Mt 28.19; At 1.8).

São depois de repisarmos, de modo que não nos saia do inconsciente (o grande traidor de nossas verdadeiras intenções) que Jesus Cristo, encarnando (sendo) a Palavra de Deus tinha raça, família, cor (de pele, dos cabelos, dos olhos), estatura e peso, formação cultural e religiosa, relacionamentos afetivos, classe social e profissão específica com endereço "certo e sabido" (Mc 2.1; Jo 1.38-9), podemos falar sem riscos exagerados de generalização que encarnar-se quer dizer ser gente, compartilhar do que é "humano" (Gn

---

<sup>2</sup> Compare a ironia de Chico Buarque em "Partido Alto", que atribui ao acaso (uma piada de Deus) o fato de se nascer no Brasil, na época da ditadura militar.

6.3; "carnal", Sl 56.4; "mortal", Is 40,6). Não apenas no que a humanidade tem de superior e especial (razão, linguagem articulada, potencialidades artísticas e culturais), mas no que ela tem de mais vulnerável - suas fraquezas. Isso é o que nos recorda o autor de *Hebreus* (2,17-8) - que só pode encarnar a compaixão pelos homens aquele que "não se pode alienar do que é humano". Jesus Cristo é o servo de Yahweh "que sabe o que é sofrer" (Is 53.3), que livremente optou por estar ao lado dos sofredores (Mt 25,31-46, esp. 40 e 45 Jo 10.15,17-8) para curar as suas feridas.

Encarnar-se tem sempre seus riscos e seu preço. Para Jesus Cristo significou (Fp 2.6-11) abrir mão de suas prerrogativas divinas, soltar seus direitos de igualdade a Deus<sup>3</sup>, esvaziar-se de sua glória transcendente, tomar a forma humana para ser verdadeiro homem. Acima de tudo, significou tomar a forma de *servo* como já foi dito, que é o mais alto parâmetro para se medir a encarnação (Mt 20,25-8 e par.; Jo 13.12-7). O hino cristológico primitivo continua dizendo que quando Jesus caminhava pelas estradas poeirentas da Galiléia, pelas aldeias e cidades ele o fez com humildade e em obediência ao propósito do Pai para sua vida pessoal, para a história do povo judeu em sua época e para o destino de toda a humanidade. A cruz não foi um acidente de percurso, mas o resultado natural de sua oposição aos poderes deste mundo, que servem às potestades transcendentes (sejam metafísicas ou meta-reais) - mas ele a encarou (não sem relutância, sinal concreto de sua humanidade que se queria preservar, pois "todo ser, enquanto é, busca preservar-se") com obediência e não com resignação.

Ser o sinal histórico de que Deus subverte os valores estabelecidos, transformando situações impossíveis através de instrumentos aparentemente frágeis é o que pretende o ato de fé de encarnar-se (cf. 1 Co 1.18-29). E que Jesus Cristo colocou em cheque o Império, seus prepostos e aliados a quem ele se opôs, a Igreja o compreendeu muito bem (At 4.23-31, esp. 27). Por isso ela se encheu de coragem pa-

---

<sup>3</sup> Cf. notas da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulinas, *in loco*.

ra seguir seu modelo vitorioso, "o primogênito de muitos irmãos" (Rm 8.29; cf. Cl 1.15,18).

Finalmente, as conseqüências da encarnação de Jesus Cristo (Fp 2.9-11) nos remetem exatamente às suas causas. Toda exaltação que ele recebe de Deus e todo o louvor e adoração que ele recebe dos homens - ligados ao seu novo título de *Kyrios* - têm como finalidade a glória do Pai. Mas para que isso tenha um sentido encarnado ou histórico (e não abstrato) é preciso concluir que a glória do Pai se manifesta nas conseqüências da encarnação de Jesus Cristo - isto é, no cumprimento de sua missão, Jesus é explícito ao dizer que suas obras são a concretização do que Deus está fazendo e pretende fazer.

Portanto, há uma continuidade e uma atualização radicalmente nova entre seu ministério e os atos de Deus no Antigo Testamento, entre sua pregação e o anúncio profético em Israel. (Veja-se o seu programa profético em Lc 4.16-21, esp. 18-9, mais a resposta que ele manda à indagação de João Batista, em Lc 7.22 e a sua declaração sobre a fonte de sua autoridade para expulsar demônios em Mt 12.28). Tudo isso nos remete para o objetivo da encarnação - a irrupção do Reino de Deus entre os homens pela destruição das obras de satanás, isto é: libertar o homem de todos os poderes que o oprimem (1 Jo 3.8).

#### A MISSÃO DE CRISTO E A NOSSA

Ao se dirigir a seus assustados discípulos, após sua morte e ressurreição, Jesus Cristo os convidou a encarnarem-se com a expressão: "Assim como o Pai me enviou a mim, eu vos envio a vós" (Jo 20.21).

Paulo elabora mais tarde este fato dizendo: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo ... deu-nos o ministério da reconciliação" (2 Co 5.18-9).

Ora, se a finalidade da encarnação de Jesus Cristo é manifestar o Reino de Deus, o qual consiste em desfazer as

obras do diabo, isto é, libertar a humanidade de todos os poderes que a oprimem e se ele nos envia a continuar a obra que ele mesmo começou, então não podemos fugir à conclusão lógica de que sã estaremos encarnando Cristo em nossa missão, se tivermos a missão dele, que é a missão do Pai - reconciliar consigo o mundo, libertando-o do jugo que pesa sobre ele. Logo, a Igreja que segue a Cristo deve preocupar-se primeriamente com o mundo pelo qual Cristo morreu e ao qual ele a enviou.

É claro que a Igreja no Brasil não é uma abstração, mas uma instituição com uma origem histórica específica (ainda que diversa: catolicismo medieval, romano, devocional ou carismático, protestantismo de imigração, de missão estrangeira de igrejas históricas, pentecostalismo e missões de fé - e agências pára-eclesiásticas).<sup>4</sup> Considerando a variada gama de necessidades humanas, o problema não é querer uniformizar os cristãos no Brasil, mas perguntar se eles são tipos que respondem às necessidades sociais do seu meio ou produtos alienígenas deslocados na paisagem tropical.

Esta, por sua vez, não é uma invenção turística. É uma realidade de contrastes, em que a miséria e a marginalização mantêm milhões em condições sub-humanas.<sup>5</sup> Creio que todos concordamos em que, no Brasil, como em toda América Latina, "o homem é mais condicionado pelo social, pelo econô-

---

<sup>4</sup> Há vasta bibliografia sobre o assunto. Verifique, por exemplo: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir - A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1984; FERNANDES, Rubem César. As missões protestantes no Brasil em números, in: *Cadernos do Iser* (10):27-84; ROLLIM, Francisco C. Igrejas pentecostais, in: *REB* (42/165), mar. 1982; ROLLIM, Francisco C. Gênese do pentecostalismo no Brasil, in: *REB* (41/161):119-40, mar. 81; CAVALCANTI, Robinson. A situação eclesiástica no Brasil, in: *Jesus Cristo: Senhorio, propósito e missão*. São Paulo, ABU Editora, 1978, p. 64-84; HOFFMANN, Arzemiro. Missão evangélica no Brasil, in: *Caminhando contra o vento*. São Paulo, ABU Editora, 1978, p. 139-90; HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1978; OLIVEIRA, Pedro R. Religião e dominação de classe - o caso da romanização, in: *Religião e Sociedade*. (6):167-87, 1980; RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1982; além dos textos como *História da Igreja no Brasil*, publicado pela Vozes.

<sup>5</sup> Cf. VILAS BOAS, Crisoston Tertio. *Dados da realidade brasileira - o modelo de desenvolvimento e a situação de pobreza*. (mimeo), apostila preparada para Visão Mundial, 1983.

mico, pelo político do que pelo filosófico ou pelo tecnológico (científico)".<sup>6</sup> Portanto, a missão de Cristo (logo a da Igreja) é não somente ministrar a essas necessidades sócio-econômico-políticas, mas participar das lutas dos que se encontram em situações de opressão pela sua humanização em Cristo. Estar solidário com os fracos em suas necessidades, como já definimos o verbo "encarnar" não é ser "mãe e mestra" (Mater et Magistra), mas ser serva que encarna a Palavra libertadora de boas novas de que o povo, em Deus, pode superar situações históricas. Este é o sentido da esperança cristã para o Brasil.

Proponho, portanto, que ao invés de retornarmos ao nosso eclesiocentrismo para impormos "modelos salvadores" à sociedade brasileira estudemos mais seriamente o modelo sócio-econômico-político vigente no país, avaliemos o quanto temos introjetado essa organização social injusta (que por sua vez reproduz a ordem internacional iníqua),<sup>7</sup> comparemos com o modelo encarnacional de Jesus e nos arrependamos daquilo de que precisarmos nos arrepender. Só assim estaremos efetivamente encarnando Cristo em nossa missão.

De algum modo estou negando que a Igreja seja desafiada a ser uma comunidade alternativa (isto é claro, por exemplo, em Mt 5-7; At 2-6). O que estou afirmando é que ela não pode ser uma comunidade paralela. Essa atitude que pressupões que Deus só se preocupa com a Igreja está associada ao complexo de minoria dos evangélicos no Brasil, mas tem origens históricas bem definidas. Tendo o modelo eclesiológico-comissionário provindo do meio rural americano, em que as grandes distâncias entre as propriedades rurais faziam com que o templo, no domingo, se tornasse o centro das atividades religiosas e sociais dos crentes e procurasse canalizar todas as suas necessidades. O templo é ou procura ser o centro da vida cotidiana, busca polarizar a atividade "social" do crente, utilizar e reclamar ao máximo a sua dedicação e

---

<sup>6</sup> GALILEIA, Segundo. *Teologia da libertação - Ensaio da síntese*. São Paulo, Paulinas, p. 17-19.

<sup>7</sup> SIDER, Ronald J. *Cristãos ricos em tempos de fome*. Trad. Enlo R. Mueller, São Leopoldo, Sinodal, 1984.

seu tempo livre: "É assim que as igrejas urbanas mais "dinâmicas" (do ponto de vista de atividades religiosas) se apresentam ainda hoje. Sua estratégia pode ser descrita como uma tentativa de duplicar a ordem social em seu conjunto, propondo um sucedâneo global à sociedade secular".<sup>8</sup>

Não é de se admirar, portanto, que uma tal estrutura eclesiástica introvertida, aliada a uma teologia que enfatiza a oposição radical entre igreja e mundo, pouco tenha a manifestar de encarnação, senão uma espiritualidade docética que não fará nenhuma (ou quase nenhuma) falta à sociedade se de repente fosse arrebatada. (Infelizmente, contudo, para ser justo, tenho de admitir que nossos modelos urbanos "alternativos", em geral, caem num secularismo cínico ou apático que eu não sei se é melhor ou pior que o ativismo religioso.

Damos graças a Deus, entretanto, por aquelas comunidades ou segmentos da igreja que têm procurado levar a história e a realidade sócio-política brasileira a sério.<sup>9</sup> Por aqueles que têm procurado romper com nosso espírito de "gueto" e encarar a luta contra os poderes tanto no plano metafísico ou transcendente quanto no histórico. Por aqueles que estão unindo suas forças às da comunidade, em nome de Jesus Cristo, para que a justiça do Reino de Deus seja experimentada por aqueles a quem Deus ama e enviou tanto ao seu Filho quanto a nós.

Evidentemente será necessário que a Igreja se envolva com sua própria comunidade para perceber as desigualdades que um modelo econômico concentrador que expoliou os mais pobres pelo arrocho salarial e transferiu rendas para os ricos, através de rendimentos e incentivos do capital. Em sua grande maioria, ela vive as agruras da classe média cooptada através dos pequenos ganhos conjunturais do "milagre" e abandonada na orfandade pelo regime militar. Sei também que é necessário mais que ser informado pela imprensa escrita, pelo rádio ou pela televisão de que o desemprego gera fome

---

<sup>8</sup> CONTERIS, Hiber. La comunidad protestante y la realidad social de América Latina, in: *Cuadernos de marcha* (20):10ss, set. 1969.

<sup>9</sup> O testemunho dessa consciência está espalhado em textos mimeografados, em periódicos e em alguns livros, como ALVES, Márcio Moreira. *O Cristo do povo*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968. Esperamos que esta memória seja resgatada em projetos como o do CEDI.

em muitos lugares (e não sô as enchentes) e que a cada 20 minutos, no Brasil, morre uma criança de diarrêia, sub-produto da fome.<sup>10</sup> Mas nos alegamos por aqueles que, tomando consciência da realidade e crendo que a Bíblia tem algo a nos dizer sobre o dia-a-dia e não apenas sobre problemas "espirituais", se reúnem em pequenos grupos ou com a comunidade, para, com a ajuda das Escrituras, interpretar e modificar a realidade em que vivem, desidolatrando todos os sistemas e ideologias, a fim de "trazer todo pensamento cativo a Cristo" (2 Co 10.4-5).

Também é claro que temos de estar informados sobre o achatamento salarial,<sup>11</sup> o latifúndio que expulsa do campo todos os anos por cento dos trabalhadores rurais, as disparidades regionais, as diferentes expectativas de vida ao nascer, a sucatização do parque industrial brasileiro arrematado pelas multinacionais, os crimes ecológicos que essas mesmas multas e as obras faraônicas do governo (que beneficiam sempre os mesmos já beneficiados) provocam em detrimento da maioria da população, da evasão escolar e o analfabetismo sempre correlacionados com a renda, da falta de habitação (inclusive dos mais de três milhões de paulistanos que vivem em 125 mil cortiços) e de tratamento médico, das desigualdades nos meios de transporte e da dívida social, quanto ao abastecimento de água e luz. De posse desses dados poderemos refletir sobre as causas dessas desgraças e concluir que "tais desigualdades não são obra de acaso, mas formam um sistema coerente, onde os demônios e poderes têm nome e CGC, e seus interesses podem ser identificados pelas pressões que usam para defendê-los. Mas nos alegamos com aqueles que ontem e hoje, no Brasil, lutam por modelos mais justos e fraternos, de acordo com o Evangelho. Por aqueles que têm lutado, mesmo com risco da própria segurança, para que haja no Brasil uma democracia *política* (em que todos se manifestem no destino nacional), uma democracia *econômica* (em que todos tenham direito ao trabalho e aos meios de produção) e uma democracia *social* (em que todos se beneficiem do fruto de seu trabalho conforme as suas

---

<sup>10</sup> Cf. BETTING, Jolemir, em sua coluna na *Folha de São Paulo*, de 12.05.85.

<sup>11</sup> VILAS BOAS, *op. cit.*

necessidades).<sup>12</sup>

Mas, se reconhecemos a importância destes aspectos, não nos iludimos reduzindo tudo ao econômico ou ao político. Reconhecemos a necessidade de se identificar os valores que estão por trás dos relacionamentos interpessoais ou sociais e de se procurar discernir a presença do divino e do demônio na cultura brasileira. Aqui, queremos estimular aqueles que compreenderam a necessidade de interpretar a cultura brasileira à luz do Evangelho e procuram participar do processo criativo de nossa cultura.<sup>13</sup>

Aqueles que se têm insurgido contra o *paternalismo* e o *autoritarismo* eclesiástico introjetado de uma sociedade civil fraca em que o Estado tem dominado soberano, se dirige a bem-aventurança de Jesus. E aqui me refiro aos que têm lutado pelo espaço da mulher, do jovem, do negro e do índio - e não aqueles que têm lutado em benefício próprio. Não poderíamos nos esquecer daqueles que têm lutado pela unidade da Igreja, através de um esforço sério para aceitar os seus irmãos de outras confissões e de trabalhar juntamente com eles pelo Reino de Deus. Mesmo num período em que um modelo sócio-político autoritário e individualista introjetados pelas igrejas provocou profunda fragmentação denominacionalista entre aqueles que sonharam com a Confederação Evangélica do Brasil, percebemos aqueles que mantiveram acesa a chama da cooperação fraternal. Por isso, saudamos os sinais de esperança representados pelo Congresso Brasileiro de Evangelização de um lado, e pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs de outro, no desejo de que o testemunho da Igreja no Brasil seja mais unívoco no futuro.

Os sinais de esperança que partem dos que conservaram a voz profética da Igreja em tempos de ditadura e apesar da censura, opondo-se à opressão e à injustiça no Brasil e na Igreja, são o patrimônio moral que nos permite esperar que

---

<sup>12</sup> CAVALCANTI, Robinson. Desafios sócio-econômicos e políticos à missão da igreja no Brasil, In: *Liderança Cristã*, Belo Horizonte, mar./abr. 1985.

<sup>13</sup> GONÇALVES, Noé Stanley. Desafios culturais à missão da Igreja no Brasil, in: *Simpósio sobre missão integral da igreja no contexto brasileiro*, (mimeo). Belo Horizonte, Visão Mundial, 1985.

os evangélicos venham a participar ativa e responsavelmente da discussão sobre uma constituinte verdadeiramente representativa e da elaboração de uma constituição que não fira os princípios fundamentais da justiça do Reino de Deus.

Finalmente, embora não possa ignorar que métodos não são indiferentes e que intervenções sociais assistencialistas ou paternalistas não são o mesmo que ações educativas e participativas, contudo, não posso deixar de me alegrar com aqueles que têm sido o "rosto de Deus" para menores carentes, prostitutas, mendigos, deficientes físicos, estudantes, solitários moradores das cidades, famílias migrantes, desempregados ou trabalhadores. Eles são a esperança de que, apesar de todo o nosso pecado, ainda há "muitos que não dobraram seus joelhos diante de Baal".

E se compreendermos que a missão é do Corpo conjuntamente, apesar de toda a culpa de nossas omissões e erros, veremos que, com nossas características, dores e ministérios particulares, se não ignorarmos o propósito e a privacidade do todo, estaremos encarnando Cristo em nossa missão.

Noé Stanley Gonçalves participa do Setor de Relações Eclesiásticas da Visão Mundial, que edita Liderança Cristã.